

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



LUIZ MAURÍCIO BENTIM DA ROCHA MENEZES
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora
Ano 2021

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



LUIZ MAURÍCIO BENTIM DA ROCHA MENEZES
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia /
Organizador Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes.
– Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-634-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.345212311>

1. História da filosofia. I. Menezes, Luiz Maurício
Bentim da Rocha (Organizador). II. Título.

CDD 109

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coleção “Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia” é uma obra que tem como foco principal a discussão filosófica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. O volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas, relatos de casos e/ou revisões que transitam nos vários caminhos da história da filosofia.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada e clara estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi o aspecto relacionado à história da filosofia, de maneira que possamos abranger ao máximo a reflexão sobre estudos recentes em matéria de filosofia.


Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres e doutores, assim todos aqueles que de alguma forma se interessam pela história da filosofia. Possuir um material que demonstre evolução de diferentes pensamentos em filosofia e que tenham uma contribuição relevante para o desenvolvimento da crítica, assim como a abordagem de temas atuais e de interesse direto da sociedade.

Deste modo a obra “Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia” apresenta uma teoria bem fundamentada em estudos feitos por diversos professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

SUMÁRIO


CAPÍTULO 1	1
A FACULDADE DE JULGAR O QUE É BELO PARA IMMANUEL KANT: A LÓGICA RACIONAL DO IRRACIONAL?	
Adriano Rodrigues Mansanera	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123111	
CAPÍTULO 2	9
ALTERIDAD Y LITERATURA: LA PROPUESTA DE GRACILIANO RAMOS	
Patricia Bernarda Vilcapuma Vines	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123112	
CAPÍTULO 3	18
APROXIMAÇÕES FENOMENOLÓGICAS À <i>ILUSÃO DE ONIPOTÊNCIA</i> DE WINNICOTT	
Cristian Marques	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123113	
CAPÍTULO 4	30
ENTRE CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE: MÚSICA PITAGÓRICA E ASTROLOGIA	
Félix Manco Ramos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123114	
CAPÍTULO 5	43
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA TRÁGICA NO EXPERIMENTO DE PENSAR DO JOVEM NIETZSCHE	
Sandro Melo Batalha Cardoso	
Ivys de Alcântara Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123115	
CAPÍTULO 6	57
ÉTICA DE E. LÉVINAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: TOTALIDADE, INFINITO, SENSIBILIDADE E O FRENTE A FRENTE	
Luiz Fernando Gomes Ferreira	
José Manfroi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123116	
CAPÍTULO 7	73
O NOVO ESTATUTO DO CONHECIMENTO NA FILOSOFIA DO CÉTICO CARNÉADES	
Ísis Lopes D'Oliveira Zisels	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123117	
CAPÍTULO 8	83
TALES DE MILETO: UN HÉROE DE SABIDURÍA ENIGMÁTICA	
Joseph Max Espiritu Ventocilla	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123118>

CAPÍTULO 9..... 93

TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL, VYGOTSKY E MARXISMO: APONTAMENTOS PARA
UMA COMPREENSÃO CRÍTICA


Renata Dalbianco Ferreira dos Santos
José Alberto Lechuga de Andrade Filho
Alexandra Ayach Anache

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123119>

CAPÍTULO 10..... 101

A FUNÇÃO DO MITO EM PLATÃO

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.34521231110>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 110

ÍNDICE REMISSIVO..... 111

CAPÍTULO 8

TALES DE MILETO: UN HÉROE DE SABIDURÍA ENIGMÁTICA

Data de aceite: 01/11/2021

Joseph Max Espiritu Ventocilla

Universidad Nacional Mayor de San Marcos,
Facultad de Letras y Ciencias Humanas,
Escuela Profesional de Filosofía
Lima-Perú

<https://drive.google.com/file/d/16fVQrooBtIVtdJga2QdM-HqI-DLmtEKQ/view?usp=sharing>

RESUMEN: Pocas disciplinas hay actualmente que tengan una larga tradición a cuestas, la filosofía puede contarse entre ellas. Sin embargo, si nos aventuramos a mirar el pasado veremos qué tan distinta fue e incluso qué tan peculiares eran los antiguos filósofos. Miles de años han pasado desde que los griegos nombraron a esta búsqueda del conocimiento y más lejos incluso está el modo en que la practicaban. El enfoque de esta investigación se centra en aquellos años en donde la diferencia entre ser sabio y ser filósofo no estaba tan definida, y más precisamente se centra en ponderar la importancia de lo heroico en la figura del llamado primer filósofo griego. Por medio de los textos, su interpretación y las novedades que la arqueología reciente nos brinda damos una lectura sobre la implicancia del brío heroico que aún no le era extraña a la filosofía. Encontramos así que se puede postular una estrecha comunión entre la faceta heroica y la sapiencial en los comienzos del filosofar. Tomando la figura de Tales de Mileto a quien preferimos llamar sólo Θαλής recurrimos a textos y a contextos que nos ubican en un

horizonte de transiciones en donde los ámbitos divinos y humanos se entremezclan y distancian sutilmente. Finalmente, arribamos a la conclusión que Θαλής como héroe, sabio y filósofo muestra una figura compleja donde la vida del personaje tiene tanta relevancia como su legado intelectual. **PALABRAS CLAVE:** Tales de Mileto, héroe, sabiduría.

THALES OF MILETUS: A HERO OF ENIGMATIC WISDOM

ABSTRACT: Few disciplines today have a long-standing tradition, philosophy can be counted among them. However, if we venture to look into the past, we will see how different it was and even how peculiar the ancient philosophers were. Thousands of years have passed since the Greeks named this pursuit of knowledge and even further is the way they practiced it. The focus of this research is on those years when the difference between being a sage and being a philosopher was not so clear-cut, and more precisely on pondering the importance of the heroic in the figure of the so-called first Greek philosopher. By means of the texts, their interpretation, and the novelties that recent archaeology provides us with, we give a reading of the implication of heroic verve that was not yet foreign to philosophy. We thus find that we can postulate a close communion between the heroic and the sapiencial facets in the beginnings of philosophizing. Taking the figure of Thales of Miletus whom we prefer to call only Θαλής, we turn to texts and contexts that place us in a horizon of transitions where the divine and human

realms are subtly intermingled and distanced. Finally, we concluded that Θαλῆς as hero, sage and philosopher shows a complex figure where the life of the character is as relevant as his intellectual legacy.

KEYWORDS: Thales of Miletus, hero, wisdom.

1 | INTRODUCCIÓN

Seguir los vestigios del tiempo con nueva curiosidad ha logrado sacar del olvido a personajes desconocidos o conocidos sólo a medias. Ya sea por serendipia o intencionalmente nuestro bagaje se amplía con cada pieza descubierta del enorme rompecabezas que somos. En esta ocasión un filósofo que logró esta investidura tiempo después de fallecer aparecerá mostrándonos una virtud que tanto épocas añejas como recientes siguen celebrando, el heroísmo. ¿Qué es un héroe y hasta dónde lo es? ¿Cómo afecta esta denominación a un filósofo? Es momento de meditar sobre héroes, sabios y una mezcla armoniosa de ambos.

2 | HÉROES EN LA ANTIGUA GRECIA

Educar en tiempos remotos fue un asunto definitivamente crucial. Incluso podríamos decir que la vida de un colectivo se decidía en base a los valores que la sociedad aceptaba como deseables. Por ello, no es gratuita la alta estima que la *Paideia* helena alcanzó entre los demás pueblos que la tomaron como referente.

Y si vamos a hablar de los griegos no podemos olvidarnos de mencionar a su máximo educador, Homero; en las composiciones que se le atribuyen, *Iliada* y *Odisea*, destacan unos personajes categorizados como *héroes*. Su importancia reside en que además de estar ordenados por primera vez según jerarquías y singulares características son ejemplos predilectos de la virtud del hombre mortal.

Ver a un Aquiles sufriente pero impetuoso frente a su destino, a un Diomedes ávido de honor enfrentándose a los dioses, a un Héctor que lucha por su Troya y por su nombre o a un Odiseo que recorre el largo camino hacia la mesura impactó enormemente en la tradición poética posterior, los trágicos, quienes reelaborarían tales anécdotas en función de sus propias circunstancias.

Volviendo a los héroes homéricos, estos personajes fueron *la medida* del comportamiento colectivo y un legado valioso que el pueblo heleno no se cansó de honrar. En tiempos actuales los héroes se han identificado, desde los estudios de Carl Gustav Jung con *arquetipos* del inconsciente colectivo. Lo que no ha hecho sino resaltar su importancia en el estudio de la mente humana.

Continuando con la cultura griega, la época mítica dio paso a la histórica. El siglo VIII a.C. devino en un escenario político, allí los referentes de conducta continuaron ejerciendo su influencia, aunque no sin variación. Es con Hesíodo, el otro gran poeta griego, que

las hazañas bélicas pasarán a un segundo plano siendo ahora el hombre de campo un personaje a retratar.

De la *sabiduría ctónica* hesiódica a la *sabiduría política* de los Siete Sabios quienes tomarán el puesto de los poetas sólo hay un paso. La lucha anterior contra los dioses se desplazará a la lucha entre mortales. Es el ágora el lugar donde se mostrará el valor ante los demás y es en la vida diaria donde uno alcanza la virtud.

Héroes fundadores: *Heros ktistes*

Adentrándonos en la Grecia del siglo VII y VI a. C. encontraremos que *héroe* (ἥρωες), se dice en dos sentidos, uno para designar las figuras homéricas, otro para referirse a un “difunto que desde su tumba ejerce un poder benéfico o maligno y que exige una veneración apropiada” (WALTER BURKERT, 2007, p.274). Este último sentido se lo debemos a la influencia de la poesía épica que propagó el culto y la fama de los “venerables difuntos”.

Los *héroes*, como los dioses, reciben libaciones, se le adjudican victorias, se le dirigen oraciones, se jura en su nombre y se dan leyes para su veneración, es decir, participan de lo sagrado. Sin embargo, si bien hay similitudes entre lo heroico y lo divino resaltan también las diferencias.

Los héroes están vinculados a un determinado lugar, centro de identidad para los grupos locales, los dioses no. Las ciudades pueden adorar a múltiples divinidades e identificarse con ellas, esto no ocurre con los héroes, quienes se inscriben dentro del *prestigio de los orígenes*. Nos referimos a lo siguiente: cuando una determinada *polis* es fundada lo es siempre por un *héroe* al cual se le denomina ἥρωες κτίστης¹, *heros ktistes*, *héroe fundador*.

Un *heros ktistes* que realiza un κτιζω, ya simbólico ya material, al morir no puede ser enterrado sino cerca al ágora, allí se le construye un recinto especial llamado *heroon* el cual será un lugar sagrado donde los ciudadanos mostrarán su respeto y veneración.

Los *héroes*, en suma, son una instancia superior que se distinguen, aunque no totalmente, de la humana. Ellos son «más fuertes» que el común mortal. Fuerza que usualmente se manifiesta indirectamente y no siempre de forma positiva. La literatura nos habla de sequías, epidemias, nacimientos insalubres, conflictos y discordias constantes, lo cual se conoce como la ira del difunto poderoso. Frente a estas señales de malestar la *polis* responde aplacando al *héroe*, retomando su culto o haciéndole una ofrenda por lo cual se espera beneficios del mismo.

Un heroon de mileto

Ahora bien, los *héroes fundadores* han vuelto a aparecer en nuestra época debido a las investigaciones geo-arqueológicas realizadas en Mileto hace no más de una década del presente. Los académicos han redescubierto información de esta antigua metrópoli

¹ En griego κτίστης proviene del verbo κτιζω que se puede traducir por edificar, construir, fundar, colonizar, plantar y elevar; κτιζω se refiere pues a un comienzo, a un origen que se despliega en su avance.

helénica. Por ejemplo, se corroboraron noticias lejanas como las de Plutarco quien habló de una tumba antigua donde se encontrarían los restos de un famoso ciudadano milesio. En su obra *Vidas Paralelas* líneas 12.11.1-12.1 encontramos el siguiente pasaje.

ὄμιον δέ τι καὶ Θαλήν εἰκάσαι λέγουσι· κελεύσαι γὰρ αὐτὸν ἔν τινι τόπῳ τῆς Μιλησίας φαύλῳ καὶ παρορωμένῳ τελευτήσαντα θεῖναι, προειπῶν ὡς ἀγορὰ ποτε τοῦτο Μιλησίων ἔσται τὸ χωρίον.

“Algo parecido dicen que adivinó también Tales; pues dio instrucciones para que a su muerte lo enterraran en un lugar pobre y abandonado de Mileto, prediciendo que ese lugar sería algún día el ágora de los milesios.”

No podría haber otro lugar más indicado que el ágora para el descanso de tal ilustre ciudadano, que los milesios reconocieron como un *heros ktistes* y por ende le construyeron un *heroon*² en su honor. Los asiduos investigadores modernos tienen pistas de dónde podría encontrarse el *heroon* de *Tales de Mileto* y a partir desde ahora sólo Θαλής, pero hasta ahora tal descubrimiento les ha sido esquivo, no así lo que se puede decir del milesio.

Reconocido en la antigüedad como sabio, político, filósofo, matemático, astrónomo, hombre práctico, en resumen, virtuoso. Indiscutible merecedor de todo reconocimiento. Θαλής se nos presenta ahora como un *héroe*. Mileto lo elevó a la categoría de segundo *heros ktistes* (HERDA, 2013) y por ello le dio sepultura en el lugar reservado sólo para los fundadores. No en vano leemos la siguiente inscripción en el VII 83, Epigrammata Sepulcralia de la Anthologiae Palatinae

τόνδε Θαλήν Μίλητος ἰὰς θρέψας ἄνέδειξεν ἀστρολόγων πάντων πρεσβύτατον Σοφίαι.

tónde Talén Miletos iás thrépsas-anédeixen astrológon pánton presbítagon sofíai

Que en la traducción que hace García Gual a las *Vidas y opiniones de los filósofos ilustres* de Diógenes Laercio dice: “A este Tales la Jonia Mileto que le crió ha mostrado como astrónomo el más venerable de todos por su sabiduría” (GARCIAL GUAL, 2007, p.50)

Ya mencionamos que ser *héroe* en la antigua Grecia era participar de la esfera divina, pues, tanto estando vivo como después de muerto el héroe ha mostrado una *fuerza superlativa* que lo separaba de los demás. Todo ello ahora nos sirve para contemplar a un Θαλής distinto. Nos presenta a un *héroe* griego en todo el sentido de la palabra.

Heroe como categoría sapiencial

Una vez realizadas las pesquisas históricas veamos qué nos trae esta categorización heroica del milesio. ¿Cuánto nos aclara y hasta donde nos es permitido usar tal categoría? ¿Cuánto aporta en la comprensión de la filosofía griega contemplar a un Θαλής heroico?

Respondiendo la primera interrogante ya adelantamos que la *categoría cualitativa*

² No es el único que tuvo tal privilegio pues Mileto es una de esas famosas ciudades donde uno puede encontrar más de un *Heroon* circundando la plaza principal, están allí los recintos de emperadores romanos, generales macedónicos y de los propios fundadores de la ciudad, esto es de sus héroes. No nos es extraño que sea así pues las actividades comerciales que florecieron allí permitieron que sus habitantes se relacionen con múltiples culturas del mediterráneo y que estas también se instalen en Mileto.

de *héroe milesio* ha surgido del acercamiento contextual a Θαλής; sin embargo, se requiere un ejercicio conceptual que aclare el término y lo limite. Ahora bien, el héroe sólo es tal si identificamos en él una *fuerza* (δύναμις) singular. Por δύναμις entendemos *capacidad extraordinaria que permite la realización de algún evento primordial por medio de una acción* . Así, definido el concepto de *fuerza* que subyace a la categoría *héroe* diremos que esta particularidad nos permitirá comprender el enlace entre el *aspecto vital* y el *accionar* del tal sujeto.

Por otro lado, si nos ubicamos enteramente en la Grecia de los siglos VII y VI a. C. lo heroico solo podrá brindarnos hasta el momento dos acepciones una homérica y otra política. Cualquier otro significado deberá ser fundamentado y puesto a prueba en los hechos, de lo contrario solo será vana alegoría o mera confusión de términos. Hasta aquí los límites y la claridad del asunto.

La segunda cuestión que relaciona *lo heroico* con *lo filosófico* requiere de pasos previos. El primero es poner en claro qué entendemos por *filosófico* . Lo *filosófico* , proponemos, *es una actividad humana especulativa, esto es teórica* (θεωρία), que busca contemplar la verdad (ἀλήθεια) distinguiéndola de la mera opinión por medio de una racionalidad particular y válida.

La relación del *accionar especulativo* con la *dinámica heroica* está en primer lugar en los *planos complementarios* de lo humano que ambos comparten: lo heroico está ligado principalmente a la realización y lo práctico; mientras que lo filosófico, aunque también *realiza* , es decir, lleva a cabo una cosa, tiene dentro de sí una fuerte carga teórica. En segundo lugar, tanto la *fuerza superlativa del héroe* como la *búsqueda contemplativa de la verdad* del filósofo hacen que ambos se distancien del plano profano y se dirijan a una esfera superior que recibe una validación límite de lo humano. En resumen, un Θαλής heroico-filosófico nos diría que participó vitalmente tanto desde una *esfera práctica* suprema como de una *esfera teórica* igualmente excelente, además de acercarse al plano divino sin dejar de ser mortal.

Las relaciones encontradas aguardan por un detalle en la explicación de los nexos entre el quehacer, lo práctico y lo teórico, además requerimos entender qué permite tal acercamiento hacia lo sagrado.

3 | EL ENIGMA SAPIENCIAL DE TALES

El enigma

La actividad teórica del filósofo tiene una historia detrás que no podemos eludir en caso queramos llegar a una comprensión del proceso que va desde la *divina locura* a la *humana cordura* del logos. Por ello, empezaremos por el *enigma* que implica toparnos con otros ámbitos de lo real.

Iniciando con los dioses, y de ellos con Apolo iremos notando cómo la sabiduría fue gestada y traída al mundo mortal. Tal divinidad griega, quien actúa desde lejos y lleva en trance a sus acólitos, habla en sombras con un lenguaje cuasi-comprensible provocando complicados enigmas (COLLI, 2000).

Esta divinidad de consuno con Dionisos representa la espiritualidad griega, por ello su imprescindible mención. Los estudios clásicos afirman también que con Apolo el ámbito divino toca lo humano siendo el templo Delfico la prueba concreta. Ahí es cuando la enigmática sofía griega llega a ser conocida por el género mortal.

En la recepción humana se ve con nitidez el paso de la locura (*μανία*) a la sabiduría (*σοφία*). Los poseídos son los encargados de trasladar el mensaje sagrado, sus intérpretes vendrán después, y más lejos incluso estarán los sabios quienes enfrentan al enigma buscando un orden, un principio (*αρχή*), en medio de tanta espesura verbal.

El sabio

Ya que llegamos a la sabiduría no nos queda sino hablar de su practicante, el *sabio*. ¿A quiénes se les conocía con este nombre? La palabra misma nos conduce a una interpretación. *Σοφός*, *sapio*, sabio, según Nietzsche, se dice de las personas que han demostrado *gran destreza* en algún arte, son aquellos de buen gusto, finos saboreadores.

El sabio como el héroe se enfrenta además contra algo que lo reta a demostrar su fuerza, se mide ante el enigma divino. Compite con agonía, no siempre saliendo ileso. No todo héroe griego es sabio, pero todo sabio es ciertamente un héroe.

Las similitudes nos conducen a hablar de las diferencias. Recordemos que el héroe se inscribía dentro de lo divino, mientras al sabio lo podemos ubicar como máximo representante del afán humano por el conocimiento. Hay ciertamente una brecha entre ambos que solo podrá ser transitada por alguien que porte tales naturalezas, este, si aventuramos una respuesta, sería en palabras de Nietzsche, el *filósofo*.

Recurriendo a Aristóteles y su fragmento titulado *Acerca de la filosofía* encontramos las variadas formas de saber que los griegos conocieron. Explícitamente menciona cinco tipos de sabiduría que van en progresión de menor a mayor.

1. Capacidad ingeniosa que inventa lo útil para las necesidades urgentes
2. Capacidad inventiva que se dedica a las artes hasta lograr lo bello
3. Habilidad intelectual destinada a asuntos cívicos
4. El estudio de la naturaleza
5. Metafísica

Para nuestros fines tomaremos la tercera y cuarta que preludian al filósofo, quien según Nietzsche es de ambigua naturaleza.

La sabiduría de los *Siete Sabios*, inventores de virtudes políticas; y la sabiduría que investiga la naturaleza, propia de *los fisiólogos* se encuentran en esta categorización

ascendente. Lo interesante es encontrar a un solo personaje que las comunica, Θαλῆς. Vínculo entre la sabiduría y la filosofía.

Como sabio afronta lo cotidiano, enfrenta enigmas, los resuelve y adopta la imagen de lo que vence, es *enigmático*. Como filósofo especula sobre el intrigante cosmos, da teorías y busca la verdad. El hecho de ser un héroe sapiencial, un filósofo, hace que reconcilie el plano divino con el humano permitiéndole transitar, ser mediador entre ambas realidades.

El filósofo

Anteriormente hemos indicado que *lo filosófico es una actividad humana teórica, que distingue a la verdad de la mera opinión por medio de una racionalidad particular*. Desglosemos los términos empezando con la teoría (θεωρία), luego con la verdad (ἀλήθεια) y terminando en la prueba histórica que refute o apruebe nuestra definición de filósofo.

Seguimos la interpretación de Karl Kerényi al entender tal palabra como un compuesto de Θεός (deidad) y ὄραω (ver) con lo cual la faceta sagrada reaparece una vez más tiñendo el accionar del hombre superior. Θεωρία y el verbo θεωρέω nos dicen los diccionarios se entiende inicialmente como especulación o contemplación. La carga visual destaca en los términos. Ahora bien, qué ve el sabio cuando teoriza, qué se contempla, en qué se detiene la vista. Respondemos, la ἀλήθεια, la *verdad*.

Respecto a lo que la *verdad* pueda significar tenemos algunos sentidos que vienen de Platón, en el *Parménides 128b-e* ἀλήθεια es α-ληθές, no-oculto y en otras circunstancias no-olvido³; mientras que en el *Crátilo 421 a-c*, ἀλή-θεια significa marcha errante, desplazamiento que viene desde lo divino. Siendo así, la *verdad* en estos sentidos vendría a ser *lo que no se oculta y desplaza* desde un ámbito sagrado (GONZALES LEÓN, 2017).

Hasta aquí, *el filósofo sería el observador de aquello que se muestra desde lo divino*. Este acto visual supremo discriminaría lo relevante de lo meramente opinable e infundado. El discernimiento se lograría siguiendo una racionalidad jerarquizante.

Veamos ahora si lo fáctico en Θαλῆς cumple con las descripciones propuestas. ¿Θαλῆς teoriza buscando la verdad? ¿Acaso Θαλῆς, buscando una certeza, detiene con la mirada aquello que viene de lo divino? Las anécdotas que recogemos de las fuentes antiguas nos responderán puntualmente estas cuestiones.

En primer lugar tenemos aquellas que nos lo muestran como astrólogo. Diógenes Laercio afirma mediante el testimonio de Calímaco que el milesio descubrió la Osa Menor dándole un uso práctico. Eudemo, en palabras del mismo doxógrafo, hace de Θαλῆς el primero en ocuparse de la astrología y de predecir eclipses de sol y solsticios. (DL I.23).

³ Esta acepción tiene un cariz órfico y estaba ligado netamente al ámbito iniciático de los misterios que entre ellos se celebraban, el *no-olvidar* es precisamente recordar las enseñanzas que el dios había revelado en forma secreta.

Efectivamente Θαλής teoriza pues dedicarse a la observación de los astros sólo es posible mediante una mirada que permita conocer. Veamos también cómo es que se ha vuelto a resaltar su lado *ktistes* y su nexa con el *enigma* dada la predicción del eclipse a todas luces improbable en esa época⁴ y que se explicaría como un vaticinio propio de un adepto a Apolo como señala Giorgio Colli (2008).

En segundo lugar, está el Θαλής matemático. Proclo en su *Comentario al primer libro de los elementos de Euclides* nos dice en las líneas 64, 17-65, 11 que el milesio fue *introducción* (fundador) de la geometría en Grecia la cual trajo desde Egipto. Luego señala los aportes matemáticos que se le atribuyen como el diámetro del círculo, la demostración de la igualdad de ángulos de la base de un triángulo isósceles, Igualdad de los ángulos opuestos por el vértice entre otros. Estos aportes matemáticos revelan nuevamente una actividad de búsqueda implícita de certezas que propone relaciones geométricas y que luego pasarían a ser teoremas. Lo visual se reitera debido a la naturaleza de este saber exacto.

En tercer y último lugar, demos cuenta del Θαλής investigador de la naturaleza. Hasta ahora se nos ha mostrado a un personaje teórico indagador, a un aspirante a conocer la verdad, lo que no ha aparecido es el rostro supuestamente divino que le adjudicamos. Queda pendiente la pregunta de si su visión es de las cosas divinas. Recurramos a la *Metafísica* (A 3, 983 b 6) de Aristóteles para empezar con nuestra disertación.

El libro alfa bautiza al milesio como *primer filósofo* pues propuso una hipótesis hídrica sobre el cosmos. Sin embargo, no vemos ni actividad visual ni algo que nos indique que la investigación de la naturaleza tiene que ver con un ámbito divino. Esto se resuelve con otras citas que están en el mismo Aristóteles. En *De Anima* (A 5, 411 a7) leemos la famosísima sentencia “todas las cosas están llenas de dioses”. El cosmos, el universo, esto es la naturaleza está inmersa para Θαλής en un ámbito divino, por lo que todo aquello que parte de ella parte de lo sagrado.

Con estos razonamientos hemos demostrado que nuestra definición de filósofo se ajusta a las interpretaciones de los hechos realizadas por investigadores en la antigüedad, Θαλής es un genuino observador de aquello que parte de lo divino. Finalmente, en esta pesquisa histórica también han surgido de forma espontánea las referencias a Θαλής como *ktistes*, ya sea como *primer astrólogo*, *introducción de la geometría* en Grecia o *primer filósofo de la naturaleza*. Estas características de su accionar sumado a su culto como héroe refuerza los nexos entre el actuar, la práctica y la teoría.

⁴ Son muchas las explicaciones que se han dado sobre el famoso Eclipse del 585 a.C. por ello recurrimos a los estudios actualizados que O’Grady (2016) ha realizado en su extensa obra donde asevera que ni los ciclos de Saros conocidos por lo babilónicos ni otros tipos de conocimiento sobre los eclipses totales o parciales de sol pudieron ser utilizados por el milesio. La autora propone como posibilidad una secuencia de 23 ½ meses a partir de los eclipses lunares que explicaría racionalmente la predicción de Θαλής.

CONCLUSIÓN

La gesta de los grandes hombres de Grecia ya sean, héroes, sabios o filósofos marcó una época en la historia de la humanidad que ha permitido tener modelos de virtud incluso en épocas tan caóticas como las actuales. Reconocer desde la academia filosófica a un personaje tan multidimensional como lo fue Θαλής en sus facetas de *héroe fundador*, *sabio enigmático* y un *filósofo de la naturaleza* nos invita a pensar en la manera en cómo hacemos filosofía hoy. El discurso, si atendemos a esta *paideia*, no puede ser la finalidad de la labor del *amante de la sabiduría*. Es su vida misma la que habla, es su ética lo que nos hace conocerlo.

REFERENCIAS

BURKERT, W. **Religión griega arcaica y clásica**. Madrid: Abada Editores. 2007.

COLLI, G. **El nacimiento de la filosofía**. Barcelona: Tusquets Editores. 2000.

COLLI, G. **La sabiduría griega II**. Madrid: Trotta. 2008.

ENGELS, J. **Los siete sabios de grecia, vida, enseñanzas y leyendas**. Barcelona: Crítica. 2012.

GARCÍA GUAL, C. **Los siete sabios (y tres más)**. Madrid: Alianza Editorial. 1989.

GONZALES LEÓN, W. **Aristóteles de la palabra a la cosa misma**. Lima: Fondo Editorial de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos. 2017.

HERDA, A. Burying A Sage: The Heroon Of Thales In The Agora Of Miletos: With remarks on some other excavated Heroa and on cults and graves of the mythical founders of the city. En O. Henry (Ed.), **Le Mort dans la ville: Pratiques, contextes et impacts des inhumations intra-muros en Anatolie, du début de l'Age du Bronze à l'époque romaine** (p. 67-122). Istanbul: Institut français d'études anatoliennes, 2013.

JAEGER, W. **Paideia: Los ideales de la cultura griega**. México: FCE. 2010.

KERÉNYI, K. **Los héroes griegos**. Girona: Atlanta. 2009.

LAERCIO, D. **Vidas de los filósofos más ilustres**. Madrid: Alianza Editorial. 2007.

NIETZSCHE, F. **Los filósofos preplatónicos**. Madrid: Trotta. 1872-1876, 2003.

NIETZSCHE, F. **La filosofía en la época trágica de los griegos**. Madrid: Valdemar. 1873, 1999-2003.

NIETZSCHE, F. **El crepúsculo de los Idolos**. Madrid: Alianza Editorial. 1888, ,1989

O'GRADY, P. **Thales of Miletus. The beginnigs of western sciencie and philosophy**. New York: Routledge, 2016

OTTO, W. F. **Los dioses de Grecia**. Madrid: Siruela. 2003.

PLATÓN. **Diálogos II. Gorgias, Menéxeno, Eutidemo, Menón, Crátilo**. Madrid: Gredos. 1987.

PLATÓN. **Diálogos V. Parmenides, Teeteto, Sofista, Político**. Madrid: Gredos. 1988.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas II**. Madrid: Gredos. 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17

Análítica existencial 18, 25

Arte 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 88, 95

Astrologia 30, 31, 33, 37, 40, 41, 89

B

Belo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 55, 108

C

Capitalismo 64, 97, 99

Carnéades 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

Ceticismo 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81

Ciência 30, 31, 32, 33, 34, 39, 40, 41

Ciudadana 9, 11

E

Educación 9, 10, 15, 16, 32, 33

Epistemologia 73, 76

Espiritualidad 30, 31, 88

Experimento de pensar 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55

F

Filosofia antiga 73, 74, 101

Filosofia trágica 43, 52, 54, 55

Frente a frente 57, 58, 59, 68, 69, 70, 71

H

Héroe 33, 35, 42, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91

História 16, 28, 48, 49, 58, 70, 73, 78, 80, 81, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 108, 110

História da filosofia 28, 78, 101

I

Identidad 9, 12, 14, 15, 16, 85

Ilusão de onipotência 18, 19, 20, 23, 24

Imaginación narrativa 9, 14, 15

Immanuel Kant 1, 2, 3

Infinito 16, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 77, 103

L

Literatura brasileira 9

Ludwig Edelstein 101

M

Martin Heidegger 19, 58

Marxismo 93, 94, 96, 97, 98, 99

Mito 35, 38, 42, 50, 53, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

Mitologia 101, 102, 103, 104, 105, 108

Música 30, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 48, 49, 51, 52, 106

P

Pandemia 57, 58, 59, 61, 62, 66, 67, 68, 70, 71, 72

Pitagorismo 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37

Platão 45, 54, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

R

Realidade 18, 20, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 46, 53, 58, 59, 60, 69, 74, 78, 93, 94, 96, 97, 99, 102

Romantismo 48, 49, 50, 51, 52, 56

S

Sabedoria 32, 38, 39, 83, 85, 86, 88, 89, 91

Sensibilidade 1, 2, 3, 57, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 79

T

Tales de Mileto 31, 83, 86

Teoria histórico-cultural 93, 94, 96, 97, 98, 99

Totalidade 48, 51, 57, 59, 60, 62, 65, 67, 68, 72, 73

U

Uno-primordial 43, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55

V

Vygotsky 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100

W

Winnicott 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29

REFLEXÕES SOBRE


FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021

REFLEXÕES SOBRE

FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA
DA FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021